

**cinco anos  
depois de abril**

**o itinerário dos militares a base  
social das alianças políticas  
o projecto constitucional e a  
sua revisão a banca e os segu-  
ros depois da nacionalização a  
conjuntura económica em 1978**

**Economia e Socialismo**

Revista Mensal de Economia Política

ANO IV, N.º 37 / ABRIL, 1979 / 40\$00

# *Economia e Socialismo*

## SUMÁRIO

---

### EDITORIAL

---

**Os militares e o poder político**  
**Um itinerário e as suas contradições** — Pág. 3 **Civicus**

---

**A base social das alianças políticas** — Pág. 16 **António Galhordas**

---

**Uma Constituição para os portugueses (I)** — Pág. 22 **António Vitorino**

---

**Angola nas vésperas da independência (II)** — Pág. 39 **Alves da Rocha**  
**Nelson Lourenço e Armando Morais**

---

### **Actualidade Crítica:**

— A banca e os seguros quatro anos depois — Pág. 46

---

### **Análise Trimestral de Conjuntura:**

— A evolução económica em 1978 — Pág. 54

---

**UNIVERSIDADE ATLÂNTICA**



**Doação**  
**PROF. AFONSO DE BARROS**  
**1º Reitor**

220\$00  
400\$00  
**Via Aérea**  
500\$00 (12 n.ºs)

US \$16 (12 n.ºs)  
US \$16 (12 n.ºs)  
US \$18 (12 n.ºs)

pendência para o  
por cheque ou

Preço deste número — 40\$00

# Angola nas vésperas da independência (II)

*Alves da Rocha*  
*Nelson Lourenço*  
*Armando Morais*

## 2.2 Indústria Extractiva

Estando praticamente localizadas em zonas distantes do teatro das operações militares, as indústrias extractivas de Angola nada sofreram com os acontecimentos de 1961, que continuaram a sua evolução normal, quer no tocante à produção, quer em relação à exportação. Assim, em 1961, a produção de diamantes aumentou de 8 %, a do petróleo 35 % e a do ferro 23 %. Sendo o sector de maior penetração e implantação de capitais estrangeiros houve de imediato que protegê-lo de eventuais ataques armados.

Situava-se este sector na estrutura produtiva de Angola numa posição de destaque, significativa quer pela evolução da sua participação no Produto Interno a preços correntes — 5,6 % em 1966 e 10,6 % em 1977 — quer pelo crescimento verificado no valor acrescentado bruto, que quase quadruplicou no mesmo período, com a entrada em laboração do complexo mineiro de Cassinga e posteriormente com a exploração do petróleo em Cabinda.

Traduzia-se esta indústria no aproveitamento de recursos naturais existentes no subsolo de Angola, através da utilização de capital importado, quer mediante empréstimos, quer por investimentos directos.

Apresentava-se a sua produção quase totalmente orientada para satisfação da procura externa de matérias-primas, já que em Angola não existia qualquer integração vertical que justificasse o aproveitamento das matérias-primas extraídas e a sua gradual transformação mediante incorporação de factores locais. Desta forma, as principais rubricas que podiam ter algum relevo, em termos de contribuição para o desenvolvimento interno, eram as dos impostos e dividendos entregues ao Estado e a das remunerações do trabalho pagas e aplicadas no interior de Angola.

Principais indicadores

	1965			1970		
	Diamantes	Ferro	Petróleo	Diamantes	Ferro	Petróleo
N.º de empresas .....	1	1	3	1	1	3
Estabelecimentos .....	45	4	6	50	3	8
Capital fixo investido (contos) .....	1 621 415	191 623	2 373 879	2 816 728	2 118 632	3 082 326
Pessoal ao serviço .....	25 612	4 569	523	27 719	9 997	1 299
Produção total (contos) .....	927 984	184 485	323 076	1 695 880	1 325 195	1 736 463
Dimensão média						
capital (contos) .....	1 621 415	191 623	791 623	2 816 728	2 118 632	1 010 775
pessoal (n.º) .....	25 612	4 569	174	27 719	9 997	433
produção (contos) .....	527 584	184 485	107 692	1 695 880	1 325 195	578 821
Grau de intensidade capitalística .....	63,3	41,5	4 538,9	101,6	211,9	2 334,3

Apenas sete empresas detinham mais de 99 % da produção total do sector, duas das quais — a Companhia dos Diamantes e a Companhia Mineira do Lobito — se podiam considerar grandes empresas dado o volume de pessoal ao serviço e o elevado valor da sua produção.

Em relação ao subsector dos petróleos, embora este apresentasse indicadores médios inferiores para as cinco empresas concessionárias, também aqui a dimensão se revelava elevada, se levarmos em consideração o montante do capital fixo investido, o valor bruto da produção e a tendência verificada de 1965 a 1970, nos mesmos indicadores. Tudo leva a crer que o número de trabalhadores em 1974 já tivesse ultrapassado a escala dos 1000 empregados.

É de salientar o elevado volume de trabalhadores utilizados na pesquisa e extracção de diamantes, na sua quase totalidade constituída por operários não especializados de fraco índice de produtividade.

De salientar também o elevado índice de intensidade capitalística apresentado pelo subsector dos petróleos em 1965, explicado pelos pesados investimentos iniciais para pesquisa, sem contrapartida na exigência de grande volume de pessoal empregado. Passada a fase de pesquisa e encaminhada a actividade das empresas para uma fase predominante de extracção de petróleo, cuja exigência da mão-de-obra se revela com maior intensidade, já este indicador apresenta um decréscimo significativo como se pode verificar no Quadro n.º 7.

Nota-se a partir de 1967 uma profunda alteração na estrutura produtiva do sector. Enquanto que em 1966 a repartição da produção (em valores) era de, respectivamente, para os diamantes, petróleo e ferro, 71 %, 18,3 % e 9,3 %, em 1967, a situação era de 32,2 %, 43,1 % e 24,4%. Esta modificação significativa deveu-se ao facto de 1967 ter sido o ano de arranque das actividades do petróleo e do minério de ferro. Esta estrutura da indústria extractiva mantém-se, praticamente, inalterada durante o quinquénio 1969-1973.

A que se deveu este espectacular surto de crescimento, sabendo-se que desde a década de 1950 Portugal já tinha consentido no afluxo de capitais estrangeiros para as colónias?

Após o sistema se ter refeito da surpresa e dos primeiros abalos resultantes da guerra (esta situação teve o seu sintoma mais evidente na retracção verificada no investimento privado nos anos de 1961, 1962 e 1963), assiste-se a uma aceleração extraordinária dos esforços para valorização das riquezas minerais angolanas, graças ao afluxo maciço de

capitais estrangeiros. O biénio de 1964-1965 é testemunho da abertura quase ilimitada aos investimentos dos grupos capitalistas mais poderosos, política consignada no *Plano Intercalar de Fomento* sob a designação de «valorização dos recursos minerais do País» e cuja primeira medida concreta foi tomada ao legislar-se, em 1965, o novo código de investimentos.

A entrada maciça de investimentos estrangeiros tem duas componentes. Uma foi em direcção à intensificação das prospecções dos recursos conhecidos e outra no sentido do incremento da produção das indústrias existentes.

Em 1964, as regiões de Angola reservadas à concessão da Diamang, outorgada em 1928 (cerca de 65 % do território foi colocado sob a sua jurisdição no que toca à exploração de diamantes), são abertas às prospecções. A partir de 1969, assiste-se à formação de várias empresas diamantíferas: Diamul, Diversa, Oestediam, Dinaco e finalmente em 1971 a Condiama, esta com forte participação da Diamang. Mas esta autêntica «corrida ao ouro» não se restringe aos diamantes: em 1968, a Tenneco, sociedade de Houston — Texas, EUA — obtém a concessão de exploração de jazigos de enxofre. O grupo japonês Nippon Mining Company dedica-se à exploração das minas do Cobre do Uíge (Zombo).

Nesta época, anuncia-se também a descoberta de importantes e variados jazigos: níquel no «distrito» da Huíla, estanho no «distrito» de Malange, mármore próximo do caminho de ferro de Moçâmedes.

Devemos também referir os estudos efectuados com vista à exploração do ferro de Kassala e Kitungo, empreendimento com forte participação de capitais japoneses.

O segundo elemento da abertura processada foi o incremento dos investimentos estrangeiros nas indústrias extractivas existentes:

- construção do porto mineraleiro do Saco do Giraúl, em Moçâmedes;
- construção do caminho de ferro de Kassinga, ligando as minas de Kassinga ao caminho de ferro de Moçâmedes, empreendimento financiado pelo grupo alemão KRUPP;
- os novos contratos realizados com a Petrangol em 1965 e a criação da Angol (associação da Sacor, grupo Borges e Banco de Angola) vêm dar novo impulso à

produção de petróleo. Contudo, é a descoberta, em 1966, de vários jazigos de petróleo ao largo de Cabinda, pela Cabinda Gulf Oil Company, que vem dar grande incremento à produção do petróleo (1968), reproduzindo-se, deste modo, os investimentos feitos anteriormente;

- aumento da capacidade da refinaria de Luanda da Petrangol, de modo a corresponder às perspectivas de aumento da produção de petróleo;
- o aumento de produção de diamantes de 1 289 000 para 2 022 000 quilates de 1967 para 1969 (acréscimo de 57 %) significou, naturalmente, a intensificação dos investimentos feitos, a partir de 1964-1965, pelos grupos capitalistas accionistas da Diamang.

Este aspecto da nova política económica portuguesa iniciada a partir de 1961, leva, evidentemente, ao reforço do papel de Angola como fornecedor de matérias-primas para os principais conjuntos industriais do sistema capitalista mundial: se, em 1961, o café, os diamantes e o sisal representavam 61,35 % das exportações totais, em 1967 essa proporção passava para 72,32 %. O crescimento rápido das exportações de petróleo e minério de ferro nos anos seguintes fez com que esta estrutura das exportações, característica dos países explorados pelo imperialismo, se agravasse ligeiramente (73,3 % em 1973, considerando diamantes, petróleo, ferro e café).

O que resultava de concreto para o povo angolano deste saque dos seus recursos minerais? Com excepção dos impostos e dos salários pagos internamente, praticamente tudo o resto se perdia para o exterior<sup>(8)</sup>. Mas como os impostos pagos e os dividendos entregues às autoridades coloniais a título de participação eram utilizados pelo Estado para suporte material da guerra colonial e para financiamento de infra-estruturas necessárias à rendibilidade do capital privado investido, podemos concluir que, no máximo, o benefício da política portuguesa no sector extractivo se consubstanciou nos salários pagos aos trabalhadores angolanos.

<sup>(8)</sup> Os investimentos que a Diamang fez no sector da agricultura e pecuária e na saúde, para além da fraca representatividade que têm e da sua forte componente política, redundaram também em benefício dos técnicos estrangeiros que para ela trabalhavam (3959 em 1971).

Todavia, os salários pagos reflectiam a exploração a que esses trabalhadores estavam sujeitos, não indo o salário médio diário, em 1971, para um operário das minas de diamantes, além de 25\$00!!! Mas situação semelhante se passava em relação ao minério de ferro. Vejamos:

[QUADRO N.º 8]

	1967	1971
<i>Diamantes</i>		
N.º de operários não qualificados .....	28 133	20 150
Salários pagos (contos) .....	128 544	154 164
Salário médio diário .....	14\$00	25\$00
<i>Ferro</i>		
N.º de operários não qualificados .....	3 761	4 076
Salários pagos (contos) .....	14 306	30 141
Salário médio diário .....	12\$00	28\$00

Dada a preferência mostrada pelos capitais internacionais pelas actividades mineiras não é de estranhar que as sete empresas que dominavam o sector fossem de forte participação financeira não portuguesa. Sem prejuízo de posteriores referências — nomeadamente quando se abordar a questão das relações de produção — passamos a indicar quais os principais grupos capitalistas estrangeiros envolvidos na indústria extractiva:

- Sector dos diamantes — Anglo American Diamond Corporation  
 — De Beers Consolited Mines  
 — Banco Morgan
- Sector do minério de ferro — Fried Krupp  
 — Louise A. Thèrese Bermann
- Sector do petróleo — Gulf Oil Corporation  
 — Fina  
 — Texaco  
 — Tottal

A esta dependência em termos de investimentos directos é necessário acrescentarmos a que derivava dos empréstimos que instituições bancárias estrangeiras concediam às empresas do sector para compra do mais variado equipamento necessário ao incremento da produção.

(Ao contrário do que havíamos anunciado no número anterior somos obrigados, ainda por razões de espaço, a concluir a publicação deste artigo no próximo número).